

Ainda sobre Vasquez Diaz

Vasquez Diaz, homem de face glabra e riso aberto, é o pintor moderno, a quem a Espanha de hoje, — conservadora de sempre — teve de acatar o prestígio. Mas ele não esperou que esse prestígio lhe fosse dado entre os seus. Voltou costas à pátria que fora de Góia e de Velasquez não considerava tentativas, e foi na França, na Alemanha, na Itália e na Suíça que ante a sua obra viu curvar-se uma multidão de cabeças. Depois, enfileirou os seus quadros em museus do estrangeiro, e voltou com o sorriso de sempre, o sorriso tranqüilo dos que não duvidaram nunca do triunfo.

Uma vez em Espanha viu que não vingava o seu esforço como exemplo. Limitaram-se a respeitar o homem que trazia na bagagem de artista a consagração do mundo estrangeiro, e as «corteries» da geração continuaram vivendo à sombra da técnica do Museu do Prado.

Foi com este vinco de desilusão no espírito que Vasquez Diaz lembrou-se de visitar Portugal.

Uma carta do Dr. Feliz de Carvalho, consul em Madrid, foi para a «Contemporanea» o seu passaporte de artista. Depois, em Lisboa à imprensa tomou-o à sua conta: uma chuva de artigos de apontamento e retrato, até que o deixaram respirar, não lisongeado mas agradecido. E foi então na véspera de voltar para Espanha, que conversámos ainda, sem as preocupações engatilhadas de entrevista.

— A arte em Portugal — disse-nos ele — tem um movimento acentuadamente modernista como em qualquer das nações cultas onde estive. Vocês têm pintores e desenhadores, dignos

de figurarem lá entre os bons. Confesso que o não esperava... Mais ainda: A tenacidade que exercem, e os elementos de incontestável valor de que dispõem, devia ser um exemplo para os meus compatriotas...

Vocês lançam-se para o público como os domadores antigos para as feras: são dum desassombro que intimidam!

— E em Espanha, não?!

— Em Espanha, publico e artistas, pensam ainda que a pintura foi terminar em Velasquez. D'accordo que temos por lá, dois ou três artistas que não se conformam e que executam a seu modo. Mas nada que represente uma força, um movimento, uma tentativa de renascença!

De tudo isso dispõem vocês presentemente. E oxalá que o conservatismo espanhol desembarce o caminho envergonhado pelo exemplo!

— Para não reavivar a desilusão do artista, demos à conversa o rumo natural da nossa curiosidade. Que pensava dos pintores portugueses...

— Quais?

— Dos consagrados.

— Ah! um grande mestre: Nuno Gonçalves! Uma maravilha!

E confessou-nos que ante os painéis do museu tinha aprendido, — aprendido ainda!

E apertámos-lhe a mão depois doutras referências que não interessam agora registar.

O. M.

Palavras ouvidas a um hespanhol sobre o possível acordo economico com a Espanha

O meu amigo fui encontra-lo vestido de amarelo, com sintomas de emigrado do norte, saindo do *Slipping Car Office* do Avenida Palace.

Tinha comprado o seu bilhete directo para Madrid e estava à minha disposição para gastar essas horas de véspera que faltavam, as que ainda podia dedicar a fixar Lisboa, — cidade que verdadeiramente o encantava, e a apreciar mesmo as coisas portuguesas, não apenas por um requinte de touriste, como ele tratou logo de declarar, mas com a ponderação e o cuidado que dedica a todos os assuntos graves, mesmo aqueles que lhe não interessam senão como pro-

blemas gerais. Encrespou ligeiramente o sobrolho como que intimidado.

— «Mas nós não somos um assunto grave» — afirmou eu, rindo, de mãos nos bolsos, antegostando já a satisfação de lhe impressionar melhormente a retina sobre as belezas da cidade, a ele que a atravessava a correr do paquete de Londres para o comboio de Espanha. «Nós somos apenas um país que tem este sol no mez de outubro e esta boa disposição. No fundo estamos todos satisfeitos e a prova é que todos os nossos movimentos e expressões são concordes à mesma *nonchalance*. Porque, você não é da mesma opinião?...

rente, porque indo fóra do terreno alheio, não entrava no terreno dele, que estava ocupado por ele completamente.

Este homem tinha uma mulher com os cinco sentidos em perfeito estado. Servia-o e satisfazia-o em tudo; e sem que se procurassem nunca um ao outro, sempre se encontravam quando era preciso.

Um dia deram ao homem um livro, mas como ele não sabia lêr pô-lo de parte e nem sequer o abriu. A mulher que

também não sabia, é que por força quiz decifrar o enigma. E tanto falou nisso ao marido, que ele por fim consentiu que um vizinho viesse lêr o livro em voz alta, ao serão.

O homem ouviu, ouviu, e apesar de toda a gente dizer que a obra era prima, o seu desinteresse era cada vez maior. Por fim concluiu que tudo aquilo devia ser bom para cegos e surdos, porque esses não viam nem ouviam a vida tal qual ela era, mas sim tal qual a imaginavam. E que muito

cego devia sêr, vendo, e muito surdo devia sêr, ouvindo, aquele que tomava por sol um reflexo e por trovoadas um eco.

A mulher achou estúpido o homem, e inteligente o vizinho porque sabia lêr. E tanto que ao terminar a leitura fugiu com ele.

O homem fechou a porta, encolheu os ombros e disse:

— Pior para ela. Enganou-se. Quando no sitio toda a gente dizia que ele é que era o enganado.

FORTUNATO VELEZ

— «Vamos falar, vamos falar... Você quer tomar café? Não quer? Então podemos sair».

Saimos. Voltando ao sol da rua tive ocasião de o ver melhor, de lhe palpar as modificações de trez anos, prescrevendo as impressões d'esse tempo todo de vida cosmopolita, fóra da península, onde todas as questões sociais e políticas tomam um aspecto justamente europeu, são factos a valer, sem nenhuma face encarquilhada pela troça, de compostura forçada e comedante. Em verdade ele tinha outra desenvoltura, outra maneira rápida e brilhante de mover os olhos, e se isso me encantava e atraía por um lado, abrindo uma nesga á minha curiosidade de cosmopolitismo, por outro lado já tacitamente lamentando tanta ginástica de viagens, que fatalmente oporia muita frieza ás belezas naturais da nossa terra, belezas de marmore e de granito...

Iamos a embicar para o Rossio. O meu amigo já por lá tinha passado, ante a confusão de calceteiros. E como queria saber da minha opinião baírrista a respeito das obras, com muitas perguntas sobre o tempo perdido e por perder, eu respondi-lhe em tres palavras, que aquillo ficará muito bom quando se acabar, muito parisiense e bem inventado. E com pecados na consciencia, travei-lhe o braço, voltei para traz e levei-o para os lados da Avenida.

— «Muito interessante isto aqui.»

— «A Praça dos Restauradores. Recorda uma pagina da historia: 1640. Mas já ninguém se lembra d'ela quando aqui passa...»

Era o diabo aquillo, porque o meu amigo não é inglez, embora o pareça, de *West Pocket* engatilhada no dedo minimo da esquerda, chapeu claro, botas claras, todo pintalgado de claro como um viajante filho de Birmingham. O meu amigo é espanhol e aqueles olhos pretos, flagrantemente, não se confundem, serão sempre a sua grande defeza da perversão *poliglota*; são olhos de sol, olhos peninsulares, duma latitudade que dava mais confiança ao meu braço enlaçado no d'ele, até mesmo na conjectura d'aquella *gaffe* de 1640...

Justamente os olhos do meu

amigo nem pestanejavam e a sua resposta, que estava dentro das intenções de ha pouco, foi esta:

— «Vocês os portugueses estão atravessando uma hora muito critica. Eu não compreendo como conseguem viver com o dinheiro tão pouco valorizado».

— «E é que conseguimos; respondi sem nenhuma aversão e apenas com um pouco chinho de magoa patriótica. E esse facto afinal só prova a situação artificial do cambio.»

— «Eu não compreendo, não compreendo como vocês podem viver!»

Estavamos agora no passeio do Drumond Castle. Sensivelmente eu tinha-o arrastado ali para tomarmos carro até ao Campo Grande. A ver se as avenidas novas, na sua architectura grotesca e rococo o espantavam, como aquarela impressionista onde a luz do sol é o melhor, o unico elemento

— «Mas sabe que nós estamos em vespera dum grande pacto economico? Sinto com satisfação que a hora de crise no país vai passar muito breve. Ha um sintoma de renascimento por essa provincia fóra. Fabricas e fabricas a serem levantadas, minas a perfurar uma reactividade onde estão estampadas as virtudes da Raça, retemperadas pela guerra... Você amanhã verá, de dentro do comboio. É impossivel morrer com tais sintomas de vida...»

— «E quem é que vem fazer o pacto economico com os portugueses?»

— «A Espanha. Pois você não sabe? Não tem conhecimento da entrevista do Augusto de Castro com o seu Rei?»

— «Ah! Sim! Sim! Li tudo com muita atenção... Mas... pacto economico... O que quer isso dizer?»

Calei-me. Sorri-me para dentro num mixto de despeito e garotice... Realmente o que queria aquillo dizer?...

Iamos na Rotunda. Não desesperando de o encantar com as belezas da capital, eu ia, do mesmo modo que conversavamos, reeditando as indicações de cicero:

— «Olhe: o parque Eduardo VII...»

— «Bem sei — disse ele sorrindo — onde se fazem as revoluções».

Eu também sorri mais uma

vez, — a ultima; mas foi com um absoluto desanimo, perfeitamente arrazado por todas aquellas sugestões que nós tinham resposta nem davam azo a uma argumentação contraria. convincente, de mim proprio. E não me zanguei porque conheço o meu amigo e sei que a sua intenção era levar-me a uma discussão toda cifrada em numeros, toda metafísica, para a qual a hora romantica do sol posto me dava uma covardia enorme, nevrotica, invencivel...

Iamos subindo Fontes Pereira de Melo, lentamente, com os vagares que convêm a um carro electrico burguez, a caminho da boa digestão da tarde. Os palacetes, no proximo agrupamento de casas desiguais e «pires», punham no arruamento uma nota pitoresca que já não interessava ao meu amigo, agora perfeitamente suggestionado pela sua ideia inicial, a que ele vinha scherzando desde o meu abraço do Avenida Palace. Aqui e além um premio Valmór de mil novecentos e qualquer coisa documentava a falta de pureza d'intenções no gosto architectonico da cidade e evocava, sem se saber porque, os sonografos d'Almirante Reis. Ainda ergui o braço ali á esquerda do Matadouro, para apontar um edificio em paranoia de arcos de volta, mas o gesto foi tão *gauche* e tão deselegante que o recolhi envergonhado metendo as mãos nas algibeiras.

— Porque isso de pacto economico, concluiu ele curvando-se para mim, estaria muito bem se Portugal estivesse realmente um país sem dinheiro — mas arrumado. A Espanha não tem tempo a perder na sua propria civilização. Ajudar Portugal economicamente, está bem. Mas oiga, responda-me a isto: Quais as garantias de que essa ajuda era proficua? Ha por ventura a segurança de que os dinheiros seriam bem aproveitados? Ha uma corrente politico-patriótica 'estabelecida na vontade do povo portuguez? Está feito ou apenas iniciado o grande problema de educação civica que conduz e orienta o espirito colectivo? Portugal, que eu venho encontrar numa degringolade financeira, sabe o que ha de fazer amanhã da ajuda espanhola? Bem vê, nós não podemos animar-nos de ne-

num espirito de sacrificio por que temos o nosso proprio fomento a acalantar. Politica peninsular, está bem. Não sendo Portugal um paiz essencialmente industrial, o accordo com Espanha pôde favorecer a esta desde que a sua expansão se encaminhe para as colonias portuguezas. Mas esse, accordo, para não affectar os interesses hespanhoes, só feito em absolutas condições de estabilidade politica, isto é, preparando a confiança entre governos e governados. Portugal está doente; Portugal deve portanto curar-se e só quando entrar em, ampla convalescença interessa para todos os pactos possiveis. Espanha não querará pactuar com Portugal doente, alimentando-lhe a doença; o que lhe interessa, como politica peninsular, é ajudar a convalescença dum paiz que se pretenda curar. Esta é a minha opinião de espanhol e deixe-me dizer lhe que, quando a questão fór ventilada no paiz, se não fór nos termos que lhe deixo apontados, eu serci contra a aproximação luzo-espanhola. E não sei se sabe, meu amigo, que nós já temos creada no nosso paiz a *ciudadania*, quero dizer, a responsabilidade politica do cidadão em todos os actos do governo. Os governos em Espanha governam com a vontade do povo e nunca ostensivamente divorciados dele”.

O carro tomava a curva em Duque de Saldanha. Entrávamos francamente na noite. A estatua desenhava uma silhueta negra, sem beleza, sem vigor. O meu amigo calou-se por um momento, mas logo continuou:

— “Outra estátua. Tenho reparado que Lisboa tem muitas estátuas. Tal como em Espanha. Os portuguezes tem os mesmos defeitos dos hespanhoes”.

— “Temos defeitos peores. Quanto a mim este será antiqualidade. É uma preocupação de beleza que só não está bem quando é mal feita”.

— “Parece-lhe? Em Inglaterra as estatuas são rarissimas. O que interessa são as escolas. As escolas profissionais, de ensino pratico. Deve homenagear-se um homem illustre? Com o dinheiro da estatua construa-se uma escola e dê-se a ella o nome do homem. Pronto. É uma obra muito mais patriótica e civilisadora. Entre a estátua e a escola eu

prefiro, esta por todos os motivos”.

— “Eu prefiro as duas, nesse caso. Ficam satisfeitos todos os pontos de vista”.

— “Mas o caso de Portugal é diferente. Aquí tem que se votar pela estátua ou pela escola. Não há dinheiro para as duas; e eu estou vendo qual é a preferida...”

— “O meu amigo passa em Portugal muito depressa... Não tem tempo para ver tudo...”

— “Não é preciso ver mais. Os paizes vêm-se melhor de fóra que de dentro. O erro de Portugal, todos o sabem, é a falta de educação civica. Dai a desagregação politica, que traz este pais em constantes tumultos. Os senhores estão constantemente a derrubar os governos. Deixem estar os governos! Deixem estar a republica, já que ella cá está. Mudar de governo é mau. Mudar de instituições, neste momento, ainda seria peor.”

— “Mas se ninguém pensa nisso...”

— “Tanto melhor. Porque a unica maneira de Portugal se salvar é conseguindo, colectivamente, a responsabilidade individual. Não sei se me faço perceber. Em Inglaterra a sociedade está admiravelmente organizada, precisamente porque os deveres e os habitos estão metidos na mais severa disciplina. É d'este assombroso comando que nasce a liberdade ingleza. Portugal assim o deve entender também. Cada individuo não se pertence, mas à sociedade que frequenta e de que faz parte. Isto é rasoaavel porque nós vivemos em sociedade e não isolados uns dos outros. Portugal precisa de ter uma vontade bem encaminhada, no sentido progressivo. Esse trabalho de unificação é facil. Basta que assim o combinem vocês, os intellectuais”.

— “É essa justamente a grande dificuldade, meu amigo!”

— “Não é, não me fale em dificuldades. Vocês podem e devem crear portuguezes praticos, com ideias praticas. Nada de programas transcendentes e complicados que nada conseguem, porque nunca se cumprem. Formulas simples e claras. Simplificar tudo e sempre, eis a unica maneira de realisar. Um portuguez que saiba ler e escrever, faça as quatro operações e tenha principios normais de patriotismo,

religião, educação civica e profissional, a vontade equilibrada pela consciencia de si proprio, é proveitoso para o seu pais. Com portuguezes assim preparados existirá realmente a vontade de progredir e só então todos os pactos economicos serão possiveis e necessarios. Nessa altura conte comigo para lançar em Espanha a ideia da aproximação com Portugal”.

O electrico tinha voltado e já retornava pela avenida da Republica, outra vez a caminho dos Restauradores. Foi o condutor a cortar bilhetes, que veio pôr o ponto final nas considerações do meu amigo. E ficamos calados todo o resto da viagem, ele perfeitamente calmo, como se tivesse discutido um *presupuesto*, eu mechendo-me no banco com uma sensação de mal estar que me fatigava e oprimia. O carro agora descia veloz pelas avenidas abaixo com preocupações de fim. Não tardou que parassemos outra vez no Drumond Castle, Descêmos. Travámos o braço, fômos indo sem mais palavra pela rua do 1.º de Dezembro até.

— “Vamos a cenar, verdade?”

— “Ya lo creo.”

Outro silencio, sem a menor preocupação do jantar. Um side-car, com a torneira do escape num delirio, ensurdeceu-nos e encheu-nos do fumo azedo da gazolina.

— “Se o pacto se fizesse, disse ele por fim, só um homem em Espanha seria capaz de o negociar, com as melhores vantagens para todos, um homem imensamente pratico, a intelligencia politica mais bem organizada que nós temos”.

— “Quem era esse homem?”

— “Cambó”.

Esquecia-me de dizer que o meu amigo é engenheiro de maquinas pela Escola de Engenheiros de Barcelona e que, sobre ser espanhol, é imensamente catalão.

E fomos jantar ao Leão d'Ouro.

LUIS MOITA

Sobre Afonso de Bragança estamos ainda reunindo colaboração que destinamos ao proximo numero. Por ser a mais distinta, publicamos desde já a do consagrado maestro Francisco de Lacerda.